



**PRODUÇÃO DE BOVINOS EM SANTA CATARINA:
UMA ANÁLISE DA REGIONALIZAÇÃO DOS ABATES (2013-2018)**

***BOVINE PRODUCTION IN SANTA CATARINA STATE:
AN ANALYSIS OF REGIONALIZATION OF SLAUGHTER (2013-2018)***

Alexandre Luís Giehl, Epagri/Cepa – alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Grupo de Pesquisa:

GT3. Evolução, estrutura e dinâmica dos complexos agroindustriais

Resumo

A produção de carne bovina responde por 4,6% do VBP da agropecuária catarinense. Apesar disso, sua dinâmica é pouco conhecida. Neste estudo, buscou-se identificar a localização dos abatedouros de bovinos do estado, classificando-os segundo o tipo de inspeção, bem como o número de animais abatidos por mesorregião. Analisou-se também a evolução dos índices entre 2013 e 2018, tentando identificar tendências. Verificou-se que a mesorregião Oeste Catarinense concentra 41,4% dos abatedouros, a maioria com SIM. Contudo, o maior número de animais é abatido no Vale do Itajaí (49,8%), que reúne os maiores frigoríficos. Entre 2013 e 2018 o número de estabelecimentos caiu 18,7%, em especial pelo fechamento de unidades com SIM, a maioria no Oeste. Evidencia-se um processo de concentração, que se expressa pelo fechamento de abatedouros de menor porte, além da ampliação da participação do Vale do Itajaí nos abates. Tal situação tende a se acentuar com a expansão da zona livre de aftosa sem vacinação.

Palavras-chave: Bovinos; abate; carne bovina; frigoríficos; regionalização.

Abstract

Beef production accounts for 4.6% of the GDP of the state of Santa Catarina. Despite this, its dynamics is insufficiently known. In this study, we aimed to identify the location of cattle slaughterhouses in the state, classifying them according to the type of inspection, as well as the number of animals slaughtered by region. We also analyzed the evolution of the indexes between 2013 and 2018, trying to identify trends. It was verified that the region West of Santa Catarina concentrates 41.4% of the slaughterhouses, most with SIM. However, the largest number of animals is slaughtered in the Itajaí Valley (49.8%), which includes the largest slaughterhouses. Between 2013 and 2018, the number of establishments fell by 18.7%, in particular by the closure of units with SIM, most of them in the West. Shows a process of concentration, which is expressed by smaller slaughterhouses closing, in addition to expanding the participation of Vale in slaughter. This situation tends to be accentuated by the expansion of the FMD free zone without vaccination.

Key words: *Cattle; slaughter; beef; slaughterhouses; regionalization.*

1. Introdução

Introduzidos no estado no século XVII, atualmente os bovinos estão presentes em todos os 295 municípios catarinenses. Embora o Brasil seja um grande *player* no mercado mundial da carne bovina, Santa Catarina apresenta uma situação distinta. O estado produz menos da metade da carne que consome. Ainda assim, o VBP da atividade é de R\$ 1,37 bilhão



(EPAGRI/CEPA, 2017), 7º no ranking estadual de produtos. Em 2018 foram abatidos 612,3 mil bovinos no estado, abrangendo cerca de 33 mil produtores, em sua maioria agricultores familiares (EPAGRI/CEPA, 2019). A mesorregião Oeste Catarinense é responsável por 49% dos animais abatidos, seguida pela região Serrana, com 13,6% e Vale do Itajaí, com 10,7%.

As primeiras estruturas de abate do país a contarem com grande escala e finalidade comercial foram as charqueadas. Com o posterior investimento de capital estrangeiro, houve modernização no setor e implantação de grandes frigoríficos (MIELITZ NETO, 1995, *apud* ZENI, 2001). Contudo, os abates artesanais seguiram, o que inviabilizou as grandes unidades e possibilitou o surgimento de unidades menores, próximas dos mercados consumidores ou das regiões produtoras.

Segundo Wilkinson e Rocha (2005), a partir de 1998 o setor sofreu novamente um rearranjo significativo, com a saída de alguns frigoríficos tradicionais do mercado e a entrada de novas empresas, que introduziram tecnologias mais modernas para o abate e processamento.

Sabadin (2006) afirma que o setor de abate de bovinos do Brasil é complexo, reunindo tanto empresas com certificações internacionais e que atendem aos mercados mais exigentes do mundo, quanto outras que possuem plantas com baixa tecnologia e precário controle sanitário.

O presente estudo tem por objetivo analisar os abatedouros de bovinos de Santa Catarina, identificando a distribuição dos estabelecimentos e dos abates, de forma a caracteriza o perfil das unidades e a evolução desse setor nos últimos seis anos.

2. Metodologia

Para a execução deste trabalho foram utilizados dados das Guias de Trânsito Animal (GTAs) emitidas entre os anos de 2013 e 2018. Com o uso do *software* SAS, identificou-se as GTAs com finalidade de abate de bovinos, as quais foram agrupadas por ano de emissão e abatedouro ao qual se destinavam os animais. Também se identificou informações relativas a essas unidades, como o tipo de inspeção, usadas para elaborar as análises a seguir.

3. Resultados e discussão

Em 2013, existiam em Santa Catarina 187 estabelecimentos que abatiam bovinos, número que caiu para 152 em 2018 (-18,7%). A maior queda se deu entre os estabelecimentos com SIM, que passaram de 71 para 52 (-26,8%). No caso daqueles com SIE, o número passou de 111 para 95 (-14,4%), enquanto as plantas com SIF mantiveram seu número inalterado no período. Vale destacar que entre 2013 e 2018, o número de bovinos abatidos em Santa Catarina passou de 515,01 mil para 612,29 mil de cabeças, crescimento de 18,9%.

Esses estabelecimentos estão distribuídos de forma desuniforme no território catarinense, conforme apresentado na Tabela 1. Do total de unidades, 41,4% estão localizadas na mesorregião Oeste Catarinense, enquanto o Vale do Itajaí possui 25%.

Tabela 1 – Abatedouros de bovinos, por mesorregião e tipo de inspeção – Santa Catarina (2018)

Mesorregião	SIF		SIE		SIM		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Oeste Catarinense	0	0,0%	43	45,3%	20	38,5%	63	41,4%
Vale do Itajaí	4	80,0%	23	24,2%	11	21,2%	38	25,0%
Sul Catarinense	0	0,0%	13	13,7%	6	11,5%	19	12,5%
Norte Catarinense	0	0,0%	5	5,3%	11	21,2%	16	10,5%
Grande Florianópolis	0	0,0%	7	7,4%	3	5,8%	10	6,6%
Serrana	1	20,0%	4	4,2%	1	1,9%	6	3,9%
Total	5	100%	95	100%	52	100%	152	100%

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da Cidasc.



Ao levarmos em consideração o tipo de inspeção sanitária ao qual os abatedouros estão submetidos, verifica-se que também há diferenças significativas entre as mesorregiões. O Oeste Catarinense, por exemplo, concentra 45,3% dos estabelecimentos com SIE e 38,5% daqueles que possuem SIM. Por outro lado, não há nenhum frigorífico de bovinos com SIF naquela região. Já o Vale do Itajaí, embora também tenha participação relevante nos estabelecimentos com SIM e SIE (21,2% e 24,2%, respectivamente), é caracterizado principalmente pela presença de 4 unidades com SIF, o que representa 80% do total desses estabelecimentos.

Em relação a 2013, houve poucas alterações na distribuição proporcional do total de estabelecimentos entre as mesorregiões. A variação mais expressiva refere-se aos abatedouros com SIM no Oeste Catarinense, região que em 2013 concentrava 43,7% dos mesmos, índice que caiu para 38,5% em 2018, enquanto a maioria das demais regiões registravam aumento na participação. Esse processo está relacionado mais ao fechamento de diversos abatedouros com SIM no Oeste, do que a uma eventual expansão desse tipo de unidade em outras regiões. Vale lembrar que os abatedouros com SIM geralmente se destinam ao atendimento de demandas locais, possibilitando a estruturação de cadeias curtas de comercialização.

Quando se analisa o número de animais abatidos em cada mesorregião, conforme apresentado na Tabela 2, há uma mudança nas posições apresentadas na tabela anterior.

Tabela 2 – Bovinos abatidos por mesorregião e tipo de inspeção – Santa Catarina (2018)

Mesorregião	SIF		SIE		SIM		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Vale do Itajaí	106.841	95,2%	193.223	41,0%	5.090	17,4%	305.154	49,8%
Oeste Catarinense	0	0,0%	146.025	31,0%	13.909	47,5%	159.934	26,1%
Sul Catarinense	0	0,0%	70.232	14,9%	4.914	16,8%	75.146	12,3%
Grande Florianópolis	0	0,0%	30.292	6,4%	1.128	3,9%	31.420	5,1%
Serrana	5.367	4,8%	16.768	3,6%	65	0,2%	22.200	3,6%
Norte Catarinense	0	0,0%	14.249	3,0%	4.191	14,3%	18.440	3,0%
Total	112.208	100%	470.789	100%	29.297	100%	612.294	100%

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da Cidasc.

Quase metade da produção catarinense é abatida no Vale do Itajaí, onde estão localizados 8 dos 10 maiores frigoríficos do estado. O abate com inspeção federal é feito quase que em sua totalidade no Vale do Itajaí. Por outro lado, o Oeste Catarinense abate 26,1% da produção catarinense, mas sua participação nos abates realizados em unidades com SIM é de 47,5%.

Chama a atenção o fato da região que produz quase a metade dos bovinos de Santa Catarina, o Oeste Catarinense, responder por apenas pouco mais de ¼ dos abates, ao passo que o Vale do Itajaí, que conta com 10,7% da produção, responde por metade dos abates. Segundo Pitelli (2008, *apud* BOECHAT, ALVES, 2014), os frigoríficos compram gado vivo em um raio entre 300 km a 500 km, mas que a maior parte das compras são realizada num raio de 300 km, em razão dos altos custos de transporte. Outros autores apontam que o raio ideal seria entre 50 km e 100 km. A distância entre Chapecó (principal município do Oeste Catarinense) e Blumenau (município central do Vale do Itajaí) é de aproximadamente 500 km. Zeni (2001), faz menção ao intenso deslocamento de animais de uma região para outra que já ocorria em meados dos anos 1990, pois o Vale do Itajaí concentrava o maior consumo do estado, havendo necessidade de “importar” de outras regiões, enquanto no Oeste havia superávit.

Tal logística de transporte dos animais resulta num custo operacional significativo. Essa situação somente se sustenta num cenário em que há déficit de carne bovina, além da restrição de entrada de bovinos vivos. Em relação a esse último ponto, é importante mencionar que Santa



Catarina atualmente é o único estado com o *status* de “livre de febre aftosa sem vacinação”. Essa condição exige uma série de medidas especiais, como a proibição do ingresso de bovinos vivos no estado. Não obstante os benefícios desse *status*, ele impede que os frigoríficos do estado adquiram animais em outras unidades da federação para abater em território catarinense. Contudo, essa condição deve mudar nos próximos anos, já que o Ministério da Agricultura está implementando ações para eliminar a vacinação contra aftosa em todo o país, especialmente no Rio Grande do Sul e no Paraná. Por um lado, isso ampliará a área de abrangência e a disponibilidade de bovinos para os frigoríficos locais. Mas, por outro, pode acarretar dificuldades para os produtores menos estruturados e tecnificados, que não estão preparados para enfrentar a competição dos estados vizinhos, bem como para os abatedouros de menor porte, que não possuem a mesma capacidade que os grandes de expandir sua região de atuação.

4. Considerações finais

Embora a bovinocultura de corte seja caracterizada, entre outras coisas, pela pulverização e ausência de algum agente que coordene a cadeia, está em curso um processo de concentração do abate de bovinos em Santa Catarina, que se expressa principalmente pelo fechamento de abatedouros de menor porte, a maioria com inspeção municipal e alguns com estadual. Também se percebe uma leve tendência de aumento da concentração dos abates na mesorregião do Vale do Itajaí, onde estão localizados os maiores frigoríficos de bovinos do estado, embora a maior parte da produção esteja no Oeste Catarinense, a uma distância bastante significativa.

Esse cenário é favorecido pelo fato do estado ser deficitário em termos de carne bovina, tendo que recorrer às “importações” de outros estados ou países para atender à demanda regional, e por conta do isolamento de Santa Catarina em razão de seu *status* sanitário diferenciado. A concessão do mesmo *status* aos estados vizinhos tende a afetar significativamente a bovinocultura catarinense. Por um lado, possibilitando um maior fluxo de animais e a melhoria do padrão genético do rebanho estadual e, por outro, causando dificuldades aos produtores e frigoríficos de menor porte, sem estrutura para competir com estados que possuem maior tradição ou condições mais favoráveis à produção bovina.

É importante considerar as consequências sociais do processo de concentração verificado neste estudo, o qual tende a se agravar, como o fechamento de postos de trabalho nos pequenos abatedouros difusos pelo estado e a perda de renda por parte dos agricultores, além dos efeitos sobre a estruturação de circuitos curtos de comercialização que atendem as demandas locais.

5. Referências bibliográficas

- BOECHAT, A.; ALVES, A. A política de defesa da concorrência no setor de abate de bovinos. In: **Revista de Economia do Nordeste**. v. 45, n. 2, abr./jun. 2014. p.112-124.
- EPAGRI/CEPA. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2016-2017**. v. 1 – Florianópolis: Epagri/Cepa, 2017. 200 p.
- _____. **Boletim Agropecuário**. N. 68. – Jan/2019. Florianópolis: Epagri/Cepa, 2019a.
- SABADIN, C. **O comércio internacional da carne bovina brasileira e a indústria frigorífica exportadora dissertação de mestrado em agronegócios**. 2006. 123 f. Dissertação (mestrado). UFMS, UnB e UFG. Mestrado em agronegócios. Campo Grande, 2006.
- WILKINSON, J.; ROCHA, R. **Uma análise dos setores da carne bovina, suína e de frango**. Roteiro dos Estudos Econômicos Setoriais. Rio de Janeiro, maio, 2005. 28p.
- ZENI, E. **Caracterização da cadeia produtiva da pecuária bovina de corte no estado de Santa Catarina**. 2001. 115 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis, 2001.